

Artigo

Milan Kundera e a Primavera de Praga

Milan Kundera and the Prague Spring

Michel Goulart da Silva¹ 

¹Instituto Federal Catarinense, Blumenau, SC, Brasil

RESUMO

Neste ensaio serão discutidos alguns dos elementos políticos e sociais relacionados às reflexões expressas, em diferentes momentos, pelo escritor checo Milan Kundera. Para tanto, são analisados tanto textos literários como reflexões políticas realizadas pelo escritor nas décadas de 1960 e 1980. Com isso, é possível mostrar a influência da Primavera de Praga em sua obra literária e como o escritor se posicionou politicamente em diferentes momentos de sua carreira.

Palavras-chave: Kundera; Primavera de Praga; União Soviética

ABSTRACT

In this essay some of the political and social elements related to the reflections expressed, at different times, by the Czech writer Milan Kundera will be discussed. To this end, both literary texts and political reflections carried out by the writer in the 1960s and 1980s are analyzed. With this, it is possible to show the influence of the Prague Spring on his literary work and how the writer positioned himself politically at different moments in his career.

Keywords: Kundera; Prague Spring; Soviet Union

1 INTRODUÇÃO

O escritor checo Milan Kundera ficou conhecido mundialmente por um conjunto de obras, entre as quais a mais famosa possivelmente é o romance *A insustentável leveza do ser*, que foi publicado em 1984. Essa obra tem como pano de fundo um dos processos políticos mais importantes da Tchécoslováquia, a chamada Primavera de Praga, em 1968. Esse processo política e a escrita de uma obra que reflete acerca desse tema acaba se ligando a uma obra do escritor escrita no ano anterior ao processo de crítica ao modelo de governo instituído no país. No romance *A brincadeira*, publicado em 1967, no ano anterior à Primavera de Praga, Kundera expressa muitas das preocupações e anseios que marcavam a sociedade.

Embora *A brincadeira* e *A insustentável leveza do ser* possam ser lidos apenas como obras dramáticas ou mesmo românticas, com suas histórias e personagens cativantes, não é possível tirar essas obras de seu contexto político e perceber o quanto as tensões sociais aparecem nos dois textos. Não se trata de descrições aos moldes do realismo socialista criticado pelo próprio Kundera, mas elementos culturais e políticos compartilhados tanto pela intelectualidade como possivelmente pela sociedade tcheco-eslovaca.

Em *A brincadeira* se evidencia o burburinho que vinha agitando o conjunto de países do Leste Europeu, que, a despeito de terem expropriado o capitalismo, se viram estagnado diante da possibilidade de construção do socialismo. Essa estagnação está associada em grande medida à constituição de uma burocracia governante e à priorização dos interesses econômicos e políticos da União Soviética. Essa situação vinha gerando grande insatisfação nos países da região, como na Hungria e na Polônia em 1956 e na Tchécoslováquia em 1968. Esse processo foi assim analisado por Kundera (2023, p. 48):

Nada do que acontece na Europa geográfica, nem pelo conteúdo dramático nem pelo significado histórico, nem a oeste nem a leste, pode ser comparado

com essa sequência de revoltas centro-europeias. Cada uma dessas revoltas foi levada a cabo por quase todo o povo. Se não tivessem sido apoiados pela Rússia, os regimes desses países não teriam resistido mais do que três horas.

Explicita-se assim crítica do escritor ao papel cumprido pela União Soviética. Esses processos não são iguais e certamente tiveram diferentes causas imediatas, mas todos expressaram a necessidade da classe trabalhadora desses países de construir efetivamente um poder seu e, com isso, garantir para o futuro a construção do socialismo. Nos países que orbitavam em torno da União Soviética, diferente do poder nascido da revolução na Rússia em 1917, os processos de expropriação da burguesia e de transformação social estagnada tiveram um viés centralizador na burocracia dos partidos governantes. Depois da Segunda Guerra Mundial, “a revolução proletária na Europa foi contida e seu desenvolvimento limitado pela política conjunta do imperialismo norte-americano e da burocracia do Kremlin agindo diretamente e através do seu aparelho internacional” (Just, 1979, p. 119). Em função disso, na maior parte desses países, a classe trabalhadora ainda não tinha passado pela experiência de construir seu próprio governo e de encontrar sua própria forma de Estado. Durante a existência desses regimes, os trabalhadores estiveram subjugados os interesses “da burocracia do Kremlin, de seu aparelho internacional e das burocracias parasitárias” (Just, 1979, p. 126).

Em 1968, quando se deu a Primeira de Praga, esse processo não se tratava de um evento isolado, mas, como em outros países, da expressão política de uma sociedade que se organizava e lutava para concretizar as promessas de um futuro socialista, o qual não cabia mais na retórica demagógica da burocracia governante nem no regime controlado pelo partido. Essa era um processo de revolução política que poderia levar à derrubada dessas burocracias e à constituição de novos governos que expressassem a organização dos trabalhadores. E, com isso, se poderia superar o que Kundera chamou, em 1967, de “experiência amarga do stalinismo” (Kundera, 2023, p. 30).

Neste texto, serão discutidos alguns dos elementos políticos e sociais referentes à Primavera de Praga, tomando como objeto as reflexões expressas em diferentes momentos por Kundera. Entende-se que seus romances expressam uma compreensão crítica acerca da sociedade e da burocracia stalinista, dialogando com a perspectiva de transformação social expressa na Primavera de Praga. Para tanto, neste texto, serão identificados alguns elementos descritos nos romances e cotejados com discussões apresentadas em seus ensaios de reflexão política. Os ensaios serão tanto aqueles elaborados no contexto da Primavera de Praga como outros produzidos cerca de quinze anos depois.

Este texto será dividido em duas partes. Em uma primeira parte, será apresentado um breve panorama do contexto de 1968 e apresentados alguns elementos pertinentes à Primavera de Praga. Em uma segunda parte, serão discutidos elementos presentes em textos de Kundera, em especial sua crítica à burocracia e ao stalinismo e sua perspectiva política diante desses processos.

2 O ANO DE 1968

O ano de 1968 esteve marcado por uma onda mundial de revoltas, em todos os continentes, contra os mais variados modelos políticos e econômicos. Diferentes processos impactaram social, política e culturalmente todo o mundo. O processo mais lembrado é o chamado Maio Francês, que mobilizou trabalhadores e estudantes na França. Segundo Alan Woods (2018, p. 33), “a efervescência entre os estudantes era apenas a manifestação mais evidente do descontentamento da sociedade francesa”, afinal, “apesar do auge econômico, os empresários franceses haviam aplicado uma pressão violenta sobre os trabalhadores”. Havia entre os trabalhadores franceses, como entre os estudantes, “um enorme acúmulo de descontentamento, rancor e frustração”. Enfatizando o papel das mobilizações de juventude, Matos (1989, p. 55-6) aponta, ao analisar aquele contexto, que uma “crise social” foi gestada, sendo “vívda

no mundo estudantil como uma rebelião contra a universidade”, constituindo-se em “portadora de uma crítica política da sociedade”.

Em outros países os estudantes também protagonizaram lutas das mais diversas. Nos Estados Unidos, em grande medida associadas à luta por direitos civis, amplas mobilizações estudantis exigiam o fim da guerra do Vietnã. No México, uma greve estudantil reuniu dezenas de milhares de pessoas. Em setembro, uma multidão de estudantes foi violentamente reprimida, com a ocupação do campus da Universidade Nacional Autônoma do México pelo Exército. Foi realizada a Marcha do Silêncio, que protestava contra a violência do Estado, tendo levado de 300 a 500 mil pessoas às ruas. Em 2 de outubro de 1968, a dez dias do início dos jogos olímpicos que tiveram sede na capital, centenas de estudantes foram assassinados pelo Exército a mando do então presidente Gustavo Díaz Ordaz Bolaños. Naquele dia,

[...] os estudantes, que estavam em greve há nove semanas, realizam uma nova manifestação empunhando cravos vermelhos. O exército consegue cercar aproximadamente 5000 manifestantes. Muitos estavam acompanhados de suas famílias e diferentes categorias sindicais traziam delegações à praça das três culturas, conhecida como Tlatelolco. Sob cerco, os manifestantes foram alvejados por balas e bombas como resposta às suas reivindicações. Até os dias de hoje há muitas controvérsias sobre os números de pessoas assassinadas. Alguns autores apontaram entre 200 e 300 mortos, embora o governo afirmasse que apenas quatro pessoas tenham morrido e vinte tivessem sido feridas (Andrade, 2008, p. 195).

No chamado Leste da Europa, conforme mencionado anteriormente, houve mobilizações, de diferentes características, questionando o modelo de governo burocrático, em países como Tchecoslováquia e Polônia. Na Tchecoslováquia, desde o ano anterior, intelectuais exigiam a democratização do regime. Esse processo foi protagonizado por estudantes e pelos trabalhadores, levando inclusive a uma renovação no controle do partido e do Estado.

Em janeiro de 1968, inicia-se um processo de mudanças na situação política e social. O marco simbólico desse processo se deu em 5 de janeiro de 1968, quando Alexander Dubček foi eleito primeiro secretário-geral do Partido Comunista da Tchecoslováquia (PCT), substituindo Antonín Novotný. Em 22 de março de 1968, Novotný renunciou à presidência e foi substituído por Ludvík Svoboda.

Os sinais de insatisfação eram perceptíveis desde os anos anteriores. Em julho de 1967, no Congresso da União dos Escritores, uma moção contra a censura foi lida na tribuna e uma confusão se instalou. Os insatisfeitos subiram o tom das críticas, entre eles, o jovem romancista e comunista Ludvík Vaculík que se pronuncia contra “a dinastização” do poder. Em novembro, uma manifestação de estudantes foi realizada e acabou sendo brutalmente atacada pela polícia. Os estudantes, caluniados pela imprensa, se agitaram ainda mais, realizam reuniões e assembleias, mantendo suas reivindicações exigindo uma retratação e o direito à liberdade de manifestação.

Esse processo levou ao aprofundamento da crise no partido, dividido entre aqueles que apoiavam a repressão e outros que defendiam alguma forma de democratização. Em janeiro de 1968, depois da eleição de Dubček como principal dirigente do partido, fala-se em “socialismo de face humana”, em “democratizar a vida do partido”, “modernizar o sistema”, “criar uma nova relação entre governantes e governados”, “em liberdade de expressão e liberdade de imprensa”, entre outras questões que dialogam com os interesses da população.

Esse processo de abertura política, ainda que de início sem ações concretas por parte do governo, a sociedade procurava se expressar e se organizar. Foram criadas organizações de massa independentes daquelas ligadas ao PCT, como no caso do Parlamento dos Estudantes de Praga e da União de Jovens Trabalhadores. Nos sindicatos, os dirigentes foram substituídos ou levados pela torrente que vinha da base, cujo intuito era recuperar o papel dessas entidades como instrumentos dos operários em defesa de seus interesses materiais e não como correia de transmissão

das ordens do partido. Nesse processo se viu mobilizando estudantes, intelectuais, operários, que arrastaram,

[...] numa prática democrática nova e por reivindicações e palavras de democratização, grande número de militantes comunistas. O movimento é, na verdade, confuso, mas não está dirigido contra o socialismo, somente contra o regime político burocrático e antidemocrático imposto à Tchecoslováquia desde a época stalinista (Broué, 1979, p. 69-70).

Em abril, foi apresentado um “Programa de Ação”, que, entre outras coisas, defendia “funcionamento autônomo do partido, do Estado e do Governo, proibição da acumulação, aplicação da reforma econômica, aliança com a URSS e coexistência pacífica” (Broué, 1979, p. 70). O programa procurava responder às demandas que a mobilização da sociedade colocava naquele contexto, exprimindo para preocupação da burocracia do governo soviético e de seus aliados. Contudo, esse programa, ainda que significasse “um progresso substancial em relação ao regime de Novotný”, naquele momento “não correspondia ao ponto alcançado pelo despertar político e social do país. Estava atrasado a respeito do movimento real de democratização” (Claudín, 1983, p. 196).

Dubček procurava se equilibrar entre as massas, os conservadores do PCT e a burocracia de Moscou, que o convocou a dar explicações numa reunião de partidos comunistas que compunham o Pacto de Varsóvia. Nessa conversa, a burocracia do Kremlin e dos demais países vizinhos não ficou satisfeita com as justificativas de Dubček e, a partir disso a imprensa russa, alemã oriental, húngara e polonesa começaram a espalhar rumores de ameaças “contrarrevolucionárias” se desenvolvendo na Tchecoslováquia e a questionar a falta de visão ou vacilação dos líderes locais. Na Tchecoslováquia, a imprensa responde criticando a relação desigual na economia e autoritária na política entre a União Soviética e os países do Leste Europeu.

Essa tensão se aprofundou no mês de agosto. Na noite do dia 20, cerca de 600 mil homens armados do Exército Vermelho invadiram a Tchecoslováquia, em particular

a cidade de Praga. Prenderam Dubček e outros dirigentes do PCT, invadiram sedes de emissoras e redações, perdendo jornalistas, e tomaram o controle das principais ruas e prédios públicos. Os soviéticos afirmavam estar combatendo a “ameaça que os contrarrevolucionários, conluídos com forças estrangeiras hostis ao socialismo, faziam pesar sobre o regime socialista da Tchecoslováquia e o regime de Estado estabelecido pela Constituição” (PCUS, 1968, p. 141). Em sua narrativa, afirmavam que “o país encontrava-se perante uma ofensiva crescente das forças reacionárias antissocialistas, contando com o apoio do imperialismo mundial” (PCUS, 1968, p. 144-5). Com a invasão, os soviéticos estariam evitando “o resultado das atividades da direita e das forças antissocialistas e contrarrevolucionárias”, afirmando que haveria, na Tchecoslováquia, “um perigo real de sublevação contrarrevolucionária e aniquilamento das conquistas socialistas” (PCUS, 1968, p. 171).

Essa invasão levou a uma reação popular espontânea. Os defensores da Primavera de Praga tentaram avançar em suas lutas. Mesmo depois da invasão soviética, o

[...] movimento continuou desenvolvendo-se com vigor durante vários meses. Em novembro, os estudantes realizaram uma greve geral apoiada pelos sindicatos e pelos conselhos operários que haviam sido formados em numerosas empresas. O Sindicato dos Escritores, os jornalistas e outros setores culturais continuavam se pronunciando categoricamente pela democratização (Claudín, 1983, p. 203).

Essa resistência impediu que os conservadores do PCT assumissem claramente seu papel de colaboracionistas da invasão, criando um impasse. Uma ala do partido foi denunciada por colaborar com os russos, sem legitimidade para assumir o governo, enquanto burocratas de centro viajaram a Moscou para tentar um acordo que recolocasse Dubček no poder. Este seria o único capaz de conter as mobilizações em curso. Os soviéticos libertam Dubcek, que viaja a Moscou junto com uma delegação de dirigentes do PCT. Desse processo, são produzidos os “Acordos de Moscou”, visando

“a normalização” do país e das relações entre União Soviética e a Tchecoslováquia. Segundo os soviéticos, nesse processo,

[...] implicaria aos dirigentes tchecoslovacos restabelecer a censura à imprensa, a universidade e a arte; esvaziar as mobilizações e a participação social; cancelar as deliberações do XIV Congresso do PCT (chamado de o “Congresso Clandestino”); e manutenção do partido único sob o comando do Estado. Em resumo, fazer o país voltar à norma de antes da situação revolucionária (Melo, 2018, p. 43).

Os tanques soviéticos terminaram por enterrar o sonho de avanço na luta do socialismo. Contudo, essa luta não deixou de reverberar em outros países, como parte da onda mundial de revoltas ocorrida em 1968. Nesse ano, um conjunto de lutas apresentou diferentes características, espalhou-se pelo mundo um conjunto de mobilizações que movimentaram a situação social e política de diversos países capitalistas. Essa onda internacional também chegou nos países onde o capital havia sido expropriado, em especial na Polônia e na Tchecoslováquia. Essa unidade mundial de lutas, portanto, se expressou tanto na revolução social contra o capitalismo como na revolução política contra a burocracia stalinista.

3 KUNDERA E A PRIMAVERA DE PRAGA

O ano de 1967, pouco antes da Primavera de Praga, aproxima Kundera desse processo, por duas razões. Primeiro, pela realização do encontro da União de Escritores. Segundo, pela publicação de seu romance *A brincadeira*, que expressa suas percepções acerca do regime burocrático e autoritário da Tchecoslováquia.

O romance é estruturado por múltiplas narrativas, alternando entre Ludvik, Helena, Jaroslav e outros personagens, cujas histórias se entrelaçam. Ludvik é membro do Partido Comunista, mas seu comportamento o torna alvo de críticas entre os colegas. Durante uma separação temporária de sua namorada Marketa, ele envia

um cartão-postal com frases provocativas, com vistas a fazer piada com a situação política, “para feri-la, chocá-la, desnorteá-la” (Kundera, 1986, p.48). Contudo, esta e outras mensagens foram interceptadas, e Ludvik foi acusado de subversão.

Como consequência da brincadeira, Ludvik é expulso do Partido, afastado da universidade e obrigado a cumprir serviço militar em condições duras. Essa punição marca profundamente sua vida, gerando ressentimento e desconfiança em relação às pessoas e às instituições. Durante o de punição, conhece Lucie, uma jovem reservada com quem desenvolve uma relação afetiva, embora marcada por barreiras emocionais e segredos. Essa conexão entre os dois não se concretiza plenamente.

Depois de anos, Ludvik retorna à sua cidade natal com o objetivo de se vingar de um antigo colega, Pavel Zemanek, que havia votado contra ele no julgamento do Partido. Ludvik planeja seduzir Helena, esposa de Pavel, como forma de retaliação. Contudo, ao longo do processo, percebe que seus sentimentos e intenções são mais complexos do que imaginava, e que a vingança não lhe proporciona o alívio esperado.

O fato de o centro da tensão política estar na juventude do protagonista não é ao acaso. Durante toda a década de 1960, houve tensões entre a juventude e a intelectualidade contra autoritarismo do governo:

Em 1965, a união da Juventude Comunista exigia autonomia para poder expressar e levar as opiniões dos jovens sobre a vida social às instâncias partidária, estatal e universitária. Em novembro de 1966, as forças contrárias à direção do Partido conquistaram a maioria no comitê estudantil da Universidade de Praga; concomitantemente a esse processo surgiram inúmeras peças teatrais, livros e filmes que denunciavam a época stalinista e revelavam as contradições do socialismo tchecoslovaco (Melo, 2018, p. 33).

O IV Congresso dos Escritores marca o aprofundamento dessas tensões, ampliando a crítica ao regime, ao exigir liberdade de pensamento e criação e o fim da censura. O congresso também afirmou sua solidariedade ao escritor soviético Alexander Soljenítsin, que sofria com perseguição e censura por parte do governo

soviético, tendo sido inclusive preso. Soljenítsin expressou essas experiências em muitas de suas obras, como em *Arquipélago Gulag*, romance publicado em 1973.

O discurso de Kundera no congresso estava afinado com essas ideias de liberdade e de crítica ao autoritarismo:

Qualquer repressão a uma opinião, incluindo a repressão bruta a opiniões erradas, no fundo vai contra a verdade, essa verdade a que só se chega no confronto de opiniões livres e equivalentes. No século XX, qualquer interferência na liberdade de pensamento e de expressão – sejam lá quais forem o método e a designação dessa censura – é um escândalo, assim como um fardo pesado para nossa literatura em plena efervescência (Kundera, 2023, p. 28-9).

Kundera identifica a burocracia stalinista como um elemento central no desenvolvimento desse autoritarismo. Kundera (2023, p. 31-2) aponta que o stalinismo, mesmo sendo “herdeiro de um grande movimento humanista e tendo conseguido “conservar boa quantidade de posturas, ideais, slogans, retóricas e sonhos originais”, se transformou “em seu contrário, arrastando consigo toda a virtude humana, transformando o amor pela humanidade em crueldade para com os homens, o amor pela verdade em delação”. No final do discurso, afirma: “quem quer que, por fanatismo, vandalismo, falta de cultura ou mesquinhez, sabote o esplendor cultural em curso, vai sabotar a própria existência desse povo” (Kundera, 2023, p. 32-3).

Contudo, não era apenas nas críticas diretas ao regime ou mesmo ao governo que se expressavam suas ideias, mas também em sua obra ficcional. Em *A brincadeira*, Kundera representa de forma quase caricatural com a obediência ao partido e ao governo. Uma personagem, quando conta os dissabores de seu casamento com um camarada, afirma: “só o Partido nunca me decepcionou, e eu sempre paguei na mesma moeda, mesmo nas horas em que todos tinham vontade de abandoná-lo” (Kundera, 1986, p. 30). Um desses momentos de crise, segundo a mesma personagem, teria sido diante da denúncia de crimes de Stalin, em 1956. Diante disso, segundo ela,

[...] as pessoas ficaram loucas na ocasião, cuspiam em tudo, achavam que nossa imprensa mentia, as casas de comércio nacionalizadas não funcionavam, a cultura sufocava, as cooperativas rurais não deveriam ter existido, a União Soviética era um país sem liberdade e o pior era que mesmo os comunistas se exprimiam assim em suas reuniões (Kundera, 1986, p. 31).

O marido da personagem, um intelectual que atuava numa universidade, era uma dessas pessoas que criticavam a situação. Segundo a narradora, dizia enxergar em Pavel, seu companheiro, “os germes da apatia, da desconfiança, da descrença, germes fermentados em silêncio, em segredo” (Kundera, 1986, p. 31). Nesse cenário, marcado por uma crise em âmbito internacional dos partidos comunistas, a narradora afirma que o partido “soube reprimir os histéricos, eles se calaram” (Kundera, 1986, p. 31).

Pouco antes da Primavera de Praga, Kundera mostra que aquela sociedade, a despeito do discurso oficial, está marcada por apatia, desconfiança ou mesmo dúvidas em relação ao futuro da promessa socialista feitos pelos burocratas do governo. Kundera não deixa de reparar que parece haver sempre uma resposta pronta no sentido de desqualificar qualquer questionamento à situação política. Não parece ser por acaso que um personagem seja acusado de ser trotskista apenas pelo fato de ter escrito no cartão-postal para a namorada: “O otimismo é o ópio do gênero humano! O espírito sadio fede a imbecilidade! Viva Trotski!” (Kundera, 1986, p. 52).

O personagem alega ter sido uma brincadeira, mas o que Kundera parece querer mostrar é como a coerção funcionava naquela sociedade, a ponto dos membros do partido e do governo terem acesso e poderem esquadrinhar a correspondência pessoal das pessoas. O suposto inimigo trotskista aparece até mesmo na justificativa da invasão contra a Tchecoslováquia, quando os soviéticos acusam que “as páginas da imprensa tcheco-eslovaca estavam abertas à publicação de artigos subscritos por inimigos declarados do marxismo-leninismo”, afirmando que um exemplo disso seria o fato de que “numerosos jornais e revistas tchecos publicaram artigos do célebre trotskista Isaac Deutscher, assim como excertos de seus livros” (PCUS, 1968, p. 155).

Se o romance *A brincadeira* pode ser considerado a expressão da subjetividade das pessoas às vésperas da Primavera de Praga, o livro *A insustentável leveza do ser* apresenta elementos acerca daquele processo. O romance acompanha a vida de quatro personagens— Tomáš, Tereza, Sabina e Franz — cujas histórias se entrelaçam no contexto da Tchecoslováquia durante e após a Primavera de Praga. Tomáš é um médico cirurgião que vive em Praga e mantém uma vida amorosa marcada por múltiplas relações casuais. Ele é casado com Tereza, uma jovem fotógrafa que busca profundidade emocional e fidelidade, o que gera tensões constantes entre os dois.

Tereza vê em Tomáš uma possibilidade de redenção e estabilidade. Contudo, ela sofre com os casos extraconjugais do marido, especialmente com Sabina. Sabina, por sua vez, mantém uma relação com Franz, um professor universitário suíço, casado, que vive um dilema entre sua vida familiar e seu desejo de viver essa paixão.

A narrativa se desloca entre diferentes países e momentos históricos, incluindo a invasão soviética da Tchecoslováquia e o exílio de Tomáš e Tereza na Suíça. Tereza sente-se deslocada e retorna a Praga, o que leva Tomáš a segui-la. Ambos enfrentam as consequências políticas de suas decisões, como a perda do emprego de Tomáš por se recusar a retratar-se de um artigo acusado de fazer crítico ao regime. A relação entre eles se transforma ao longo do tempo, ganhando novos contornos de cumplicidade e afeto.

Sabina continua sua trajetória de fuga e desapego, rompendo com Franz e mudando-se constantemente. Franz, por sua vez, tenta encontrar sentido em sua vida por meio de causas políticas e sociais. O romance alterna entre os eventos vividos pelos personagens e digressões filosóficas acerca de temas como amor, política, memória e identidade. Sua estrutura fragmentada permite explorar diferentes perspectivas e temporalidades, revelando como os destinos individuais são afetados tanto forças históricas como pelas escolhas dos personagens.

Por meio da subjetividade dos personagens o romance mostra uma série de reflexões acerca da sociedade no contexto da Primavera de Praga. Em determinado

momento da obra, apresenta-se uma caracterização do novo governo, que chegou ao poder entre a tentativa de renovação do partido e a invasão dos tanques soviéticos, quando uma revista publicou um texto de Tomas, protagonista do livro:

Isso aconteceu na Primavera de 1968. Alexandre Dubcek estava no poder, cercado de comunistas que se sentiam culpados e estavam dispostos a fazer qualquer coisa para reparar seus erros. Mas os outros comunistas, que uivavam que eram inocentes, temiam que o povo enraivecido os julgasse. Iam todos os dias se queixar ao embaixador da Rússia (Kundera, 2017, p. 190-1).

Nesse embate, o segundo grupo acabou saindo vitorioso, afinal, nas palavras de Kundera, “os russos decidiram que a livre discussão era inadmissível no domínio deles e mandaram seu exército ocupar no espaço de uma noite o país de Tomas” (Kundera, 2017, p. 191). Kundera descreve os anos que se seguiram à invasão soviética como “um período de enterros” (Kundera, 2017, p. 246).

O texto de Tomas, médico, protagonista de *A insustentável leveza do ser*, que foi publicado então em meio ao levante dos trabalhadores na Primavera de Praga, nem fazia alusão direta ao contexto político. O artigo, publicado cortado pelo jornal, cuja interpretação foi deturpada pela censura da burocracia governante, era acerca de Édipo. Procurou explicar Tomas: “Meu artigo foi publicado no fim do jornal, no meio de outras cartas. Ninguém prestou atenção nele. Ninguém a não ser a embaixada da Rússia, evidentemente, porque lhes convinha” (Kundera, 2017, p. 199). Contudo, em uma conjuntura explosiva, nem mesmo isso poderia ser aceito pela repressão. Kundera narra a conversa do protagonista com um agente da repressão do Estado, segundo o qual o “artigo contribuiu para a histeria anticomunista” (Kundera, 2017, p. 203). O burocrata, então, fala a Tomas acerca de uma possível retratação. Dizia o funcionário do Ministério do Interior:

O senhor é um grande especialista, doutor! Ninguém pode exigir que um médico entenda de política. O senhor se deixou envolver, doutor. É preciso corrigir

essa situação. Por isso, queremos lhe propor o texto de uma declaração que o senhor deveria, em nossa opinião, pôr à disposição da imprensa (Kundera, 2017, p. 203).

No texto dessa declaração proposta a Tomas, segundo narra Kundera, “havia frases acerca do amor à União Soviética e a fidelidade ao Partido Comunista, havia uma condenação aos intelectuais que, estava escrito ali, queriam levar o país à guerra civil” (Kundera, 2017, p. 203). Tomas, no momento sem ter certeza do que seria o correto a se fazer, consegue adiar a decisão. Kundera (2017, p. 205) afirma: “Dando à polícia esperança de que ele próprio redigiria um texto, ganharia tempo”. Não redigiu a carta, e se demitiu do emprego como médico.

Essa crítica à coerção contra a intelectualidade expressa uma posição pública do próprio Kundera. Em 1983, contra essa condenação da intelectualidade, o escritor afirmava que, “durante anos, foram o teatro, o filme, a literatura e a filosofia que trabalharam pela emancipação libertária da Primavera de Praga” (Kundera, 2023, p. 50). Por outro lado, chama a atenção para o fato de as revoltas que ocorreram nos países da região, sem contar com o apoio da mídia, “foram preparadas, executadas, realizadas pelos romances, pela poesia, pelo teatro, pelo cinema, pela historiografia, pelas revistas literárias, pelos espetáculos cômicos populares, pelas discussões filosóficas, isto é, pela cultura” (Kundera, 2023, p. 77-8). Essa contribuição dos intelectuais pode ser entendida pelo fato de o romance *A brincadeira*, de Kundera, ter sido lançado às vésperas da Primavera de Praga.

Nos textos de Kundera observa-se pouco espaço para alguma forma de esperança em transformação social ou para a superação daquela sociedade. Em relação aos governos stalinistas, o escritor afirmava abertamente: “Não temos mais ilusões em relação ao regime dos países-satélites da Rússia” (Kundera, 2023, p. 58). Numa perspectiva de superação, enxerga mais o processo de um ponto de vista cultural, a configuração da região foi definida e determinada pelas

[...] *grandes conjunturas comuns* que juntam os povos e que os reúnem sempre de um modo diferente, em fronteiras imaginárias e sempre mutáveis, no interior das quais subsiste a mesma memória, a mesma experiência, a mesma comunhão de tradições (Kundera, 2023, p. 66-7).

Essa ausência de uma perspectiva estratégica não deve ser atribuída apenas à individualidade do escritor, mas à ausência de uma alternativa política. Os regimes stalinistas reprimiram toda a oposição, à esquerda e à direita, ao longo de décadas, impedindo a constituição de alternativas que pudessem encabeçar uma revolução política sem levar à restauração capitalista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos analisados neste ensaio permitem mostrar a relação de Milan Kundera com a Primavera de Praga e como isso se relaciona a sua obra. Em um primeiro momento, foi um dos intelectuais que participaram do movimento político que redundou na tentativa de democratização do regime stalinista checo em 1968. Em seu romance *A brincadeira* pode-se ver diversos elementos de crítica ao regime político vivido na época na Tchécoslováquia.

Em um segundo momento, passados cerca de quinze anos desde a Primavera de Praga, Kundera retoma o processo, criticando a invasão soviética e mostrando o papel dos intelectuais naquele processo. Em paralelo, em texto de análise da situação política, procura localizar histórica e socialmente o país no contexto de revoltas ocorridas nos países do então chamado Leste Europeu.

Com isso, percebe-se um escritor que fez passar por suas veias as preocupações, dilemas e críticas vivenciados pela sociedade checa. Esse engajamento e sua expressão literária fazem com que sua obra seja um importante retrato da Tchécoslováquia e dos dilemas colocados para intelectuais e trabalhadores no sentido de buscar caminhos alternativos para a construção do socialismo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. México 1968: o massacre de Tlatelolco e a universidade latino-americana. **Projeto História**, nº. 36, p. 185-196, 2008.
- BROUÉ, Pierre. **A primavera dos povos começa em Praga**. São Paulo: Kairós, 1979.
- CLAUDÍN, Fernando. **A oposição no “socialismo real”**: União Soviética, Hungria, Polônia, Tchecoslováquia (1953/1980). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- JUST, Stéphane. **A revolução proletária e os Estados operários burocráticos**. São Paulo: Palavra, 1979.
- KUNDERA, Milan. **A brincadeira**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- KUNDERA, Milan. **Um Ocidente sequestrado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- MATOS, Olgária. **Paris 1968**: as barricadas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MELO, Wanderson Fabio de. Tchecoslováquia em 1968: a construção do socialismo interrompida. **Movimentação**, nº 5, p. 27-54, 2018.
- PCUS. O “Pravda” de 22 de agosto ou as razões do Kremlin. In: DESGRAUPES, Pierre; DUMAYET, Pierre (org.). **Praga**: quando os tanques avançaram. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1968.
- WOODS, Alan. A revolução francesa de maio de 1968. **América Socialista**, São Paulo, nº 12, 2018.

Contribuição de Autoria

1 – Michel Goulart da Silva

Doutor em História - UFSC.

Instituto Federal Catarinense

<https://orcid.org/0000-0002-3281-3124> • michelgsilva@yahoo.com.br

Contribuição: Escrita – Primeira Redação, Conceituação, Validação - Análise Formal – Investigação.

Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSC mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

SILVA, M. G. DA. Milan Kundera e a Primavera de Praga. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e90652, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X90652>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/90652>. Acesso em: xx/xx/xxxx.